

## Pelos trilhos da Europa e da história de Portugal: releituras da Guerra em *Sud Express*, de Rui de Brito

**Jorge Vicente Valentim**

*UFSCar*

**Resumo:** Proposta de abordagem do romance *Sud Express* (1999), de Rui de Brito, procurando nele encontrar, a partir do viés de revisitação de certos gêneros narrativos específicos – o romance de espionagem, sobretudo –, as releituras de uma importante etapa da história portuguesa (a República instaurada nas primeiras décadas novecentistas), e como esta acaba por se enredar/enveredar pelos trilhos da própria história europeia no início do século XX e o evento que marcou as décadas iniciais dos tempos novecentistas. Tendo como pano de fundo, a imagem do famoso trem que liga Portugal à França (inaugurado em 1887) e sua velocidade na realização dos trânsitos, as personagens entrecruzam-se, com seus medos e anseios diante de uma instabilidade política que muda vertiginosamente, numa espécie de circulação contínua entre espaços citadinos, tais como Lisboa, Madrid e Paris. A trama de *Sud Express* vai sendo, assim, tecida por um narrador de nítidas inclinações pós-modernas – no sentido dado por Silviano Santiago (1989). Nas malhas de uma ficção, gestada e publicada nas portas do novo milénio, urge um tempo que se instaura na vivência do homem das primeiras décadas do século XX. Destarte, personagens e perspectivas mesclam-se, trazendo à tona alguns dos indícios mais pontuais daquela época: a Primeira Guerra Mundial, a nova República, a vida portuguesa e a presença do país nos eventos iniciais do século XX, as suspeitas de espionagem e o agenciamento dos novos cenários políticos emergentes neste contexto.

**Palavras-chave:** Primeira Guerra, Ficção portuguesa, Narrador pós-moderno, Rui de Brito

**Abstract:** Proposal for approach of *Sud Express* (1999), a novel by Rui de Brito, trying to find in it, from the revisiting bias of specific narrative genres – the spy novel, especially –, the readings of an important stage of Portuguese history (the established Republic in the early Nineteenth-century decades), and how this ends up

entangling/go down the track of the European history in the early Twentieth century, the event that marked the early decades of the Nineteenth-century times. With the background of the image of the famous train that connects Portugal to France (opened in 1887) and its speed in achieving the transits, the characters intersect with their fears and anxieties before a political instability that dramatically changes in a kind of continuous movement between townspeople spaces such as Lisbon, Madrid and Paris. The plot of *Sud Express* is being woven by a narrator with sharp postmodern inclinations – in the sense given by Silviano Santiago (1989). In the meshes of a fiction, gestated and published on the doors of the new millennium, urges a time that is established in the experience of the man of the first decades of the Twentieth century. Thus, characters and prospects are mingled, bringing up some of the more specific evidence of that time: the First World War, the New Republic, the Portuguese life and the presence of the country in the early events of the Twentieth century, the espionage suspicions and the agency of the emerging new political scenarios in this context.

**Keywords:** First War, Portuguese Fiction, Postmodern narrator, Rui de Brito

*E falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em sua história como atores de seus dramas – por mais insignificantes que sejam nossos papéis –, como observadores de nossa época e, igualmente, como pessoas cujas opiniões sobre o século foram formadas pelo que viemos a considerar acontecimentos cruciais. Somos parte deste século. Ele é parte de nós.*

ERIC HOBSBAWM, *A Era dos Extremos*

Já vem de longe o interesse da crítica especializada em se debruçar sobre gêneros, obras e autores que, de maneira peculiar, acabam propondo novos caminhos de percepção e recepção do objeto literário. Fora dos eixos tradicionais que contemplam as grandes narrativas, Tzvetan Todorov (1979), no seu clássico ensaio “Tipologia do romance policial” (1971)<sup>1</sup>, já chamava a atenção para algumas categorias, como o romance policial, o romance de suspense, o romance de enigma e o romance de aventura. Seguido de perto por outros investigadores, como Jean-Yves Tadié (1982), por exemplo, Todorov já pontuara, de maneira pioneira, a partir de sua leitura de textos das décadas de 1960 e 1970, a presença

gradual de uma certa genologia narrativa em detrimento de outra, qual seja, “o desaparecimento do romance de aventuras e sua substituição pelo romance de espionagem” (Todorov 1979: 100).

Gênero muitas vezes enquadrado em categorias menores ou considerado pouco digno da atenção da crítica, o romance de espionagem, sobretudo nos anos seguintes à Segunda Grande Guerra, com o recrudescimento da Guerra Fria, tornou-se uma espécie de *tour de force* da chamada literatura de massa da segunda metade do século XX. Um dos ícones desta geração, sem dúvida, é o agente britânico James Bond, personagem criada por Ian Fleming, em 1953, que povoou os livros de bolso da época, indo parar, anos depois, nas telas de cinema, imortalizado nas interpretações dos atores Sean Connery, George Lazenby, Roger Moore, Timothy Dalton, Pierce Brosnan e Daniel Craig.

Leitor atento do romance de espionagem e de categorias muito próximas a este, José Paulo Paes chama a atenção para o aspecto ideológico subjacente a este tipo de texto, camuflado, muitas vezes, sob uma aparente superficialidade estrutural. Para o ensaísta brasileiro,

Tanto o espião como o agente de contra-espionagem que protagonizam esta última modalidade de ficção estão sempre a serviço de uma potência em guerra declarada ou virtual com outra e são por ela estipendiados. A radicalização ideológica consequente à Guerra Fria só fez aumentar a tendência maniqueísta do romance de espionagem, onde tudo é lícito na luta entre o Bem (nosso) e o Mal (deles), muito embora comecem a surgir tentativas de superar o maniqueísmo por via de uma visão as mais das vezes niilista das ideologias e dos que as servem profissionalmente. (Paes 1990: 22-23)

Ou seja, não se pode simplesmente negar aquele “nexo ideológico com os interesses colonialistas” (Paes 1990: 22), presente nestas produções, sublinhando assim a necessidade de um predomínio hierárquico entre forças opostas e antagônicas nos seus objetivos sobre um determinado território. E, ainda que uma segunda via de criação seja perceptível, no sentido, de se repensar o enquadramento fácil entre pólos contrários e os resultados niilistas advindos deste embate frontal, não se pode negar aqui que o romance de espionagem, herdeiro dos romances de aventura e policial, por detrás da luta maniqueísta entre o Bem e o Mal, aponta para uma alteridade ideológica em franco crescimento que

ameaça a segurança, a paz e a harmonia entre as pessoas, e, por isso, precisa ser abertamente combatida e extirpada, sem medir esforços ou preço.

No seu estudo sobre certos tipos de textos presentes no contexto atual, Flávio Kothe (1994) categoriza as novelas cor-de-rosa, a ficção científica, o romance de detetive, o faroeste, a fotonovela e as histórias de terror como incidências de uma “narrativa trivial”, ou seja, de obras marcadas por uma “trivialidade – a repetição e a superficialidade de tipos, enredos, finais – em nível de estrutura profunda, com uma grande variação de estruturas de superfície” (Kothe 1994: 13). Em outras palavras, são textos que florescem mais preocupados com o seu consumo massificado, de fácil acesso e digestão, do que propriamente com o trabalho e o rigor estéticos na sua produção. No entanto, não se pode também cair na armadilha e considerar as categorias textuais como instâncias estanques, posto que, ainda segundo Flávio Kothe, é preciso investigar de maneira sensível, “se, em gêneros marcados pela trivialidade e consumidos em massa, podem aflorar obras de arte. A narrativa trivial tem seu valor mensurado pelo artístico, porém não como mera oposição: há trivialidade na arte, como pode haver arte no trivial, sem que, no entanto, confundam-se um com o outro” (Kothe 1994: 13-14).

Ora, tendo plena consciência de que, num curto espaço de tempo para uma intervenção, não seria possível expandir minhas reflexões em torno do romance de Rui de Brito, *Sud Express*, publicado em 1999, para o campo das discussões teóricas em torno de literatura de massa, tipologias narrativas e categorias aceitas – e outras não – pelo cânone, confesso que me senti tentado a trazer para este *Colóquio Internacional (“A arte nas trincheiras / Nas trincheiras da arte”)*, em lembrança aos “100 anos da Primeira Guerra”, este texto que passou praticamente de forma silenciosa pela crítica da época. E, acrescento, injustamente.

Autor de alguns títulos de ficção – *Sud Express* (1999), *Nos olhos do camaleão* (2001), *Gatos e homens* (2004) e *Banana Split* (2007) –, foi como jornalista do “Correio da Manhã”, do “Diário de Lisboa”, de “O país” e de “A capital”, e como professor do ensino superior que Rui de Brito se destacou no cenário cultural português das últimas décadas do século XX. Dono de uma visão muito irreverente e, ao mesmo tempo, perspicaz dos principais

acontecimentos do século novecentista, Rui de Brito deixou uma obra ainda por ser lida e apreciada, a par dos gostos e das convenções que regem os processos de escolha da academia.

Não quero, também, com isto perpetrar um discurso vitimista sobre o autor, como se ele fosse um escritor genial, definitivamente relegado ao silêncio. Mas, por outro lado, diante da surpresa que o seu romance de 1999 me causou, não posso deixar aqui de pontuar alguns aspectos positivos de um texto que recupera um momento crucial da história portuguesa, atrelado a outro do cenário europeu: a proclamação da República, em 1910, e a sucedânea deflagração da Primeira Grande Guerra Mundial, em 1914. Diria mesmo que poucos são os textos ficcionais que, debruçando sobre as primeiras décadas do século XX português, efabularam a transição da monarquia para a república, enlaçada com todo o processo político que fez Portugal entrar na Primeira Guerra. Deste modo, gosto de pensar que *Sud Express* traz à cena literária portuguesa uma certa novidade, no sentido de que propõe repensar dois momentos distintos, mas de igual importância para a compreensão do contexto cultural e político português, sem que haja uma separação impositiva ou graus de importância entre eles.

Um dos aspectos mais surpreendentes é o impacto causado pelas cenas iniciais, com a prisão e o assassinato do pai do protagonista, Herberto Couceiro, tendo como pano de fundo o seu trânsito por cidades europeias, como Berlim e Paris, dentro do *Sud Express*. Logo de início, o leitor é apresentado a uma situação que o coloca dentro dos cenários dos típicos romances policiais. A tensão do contexto político conturbado de 1910, com as ruas de Lisboa tomadas por “uma onda de violência inaudita” (Brito 2000: 11); o clima de insegurança entre a população, dividida entre os defensores das duas correntes políticas (os monarquistas e os republicanos); as diferentes visões e as rasuras ideológicas dentro da Primeira República; a prisão do velho Dr. Couceiro, defensor da monarquia e autor de um precioso *dossier* com informações sobre as “colónias portuguesas e os interesses que elas envolviam” (Brito 2000: 17), numa “cela comum em que todos eram tratados, sem exceção, como porcos em enxovia” (Brito 2000: 12); e a sua última e decisiva viagem no *Sud Express*, onde foi assassinado. Toda esta sequência marca um clima inicial de mistério e

acaba induzindo o leitor a pensar que o protagonista, Herberto Couceiro, Primeiro-Tenente da Marinha portuguesa, irá desempenhar o papel de detetive e entrar numa espécie de saga incansável para tentar solucionar a morte do pai, dispendendo todo o seu tempo e as suas energias para não deixar o delito impune. No entanto, o crime fica sem solução porque se perde no emaranhado de fatos que se sucedem ao longo da trama. O narrador, neste ponto, desempenha um papel fundamental, posto que parece jogar ludicamente com a atenção do leitor, no sentido de que tenta construir uma espécie de promessa genológica que não se cumpre. No entanto, no lugar de apenas frustrar as expectativas e gerar uma narrativa decepcionante, ele acaba criando outras, já que a suposta trama policial vai dando espaço para uma rede de intrigas entre personagens que atuam como espões e agentes de contra-espionagem.

Se levarmos em conta aquela tipologia do romance policial anunciada por Todorov (1979), ou seja, da premência de duas mortes em sequência, a da vítima e a de seu algoz pelo detetive/policial, o leitor logo se dá conta que o romance de Rui de Brito apenas revela o primeiro assassinato (o do pai do protagonista no trem expresso), porque o segundo – o do assassino do Dr. Couceiro – fica mal sugerido por conta das suposições das outras personagens. No entanto, no lugar deste, mais outras mortes, algumas não resolvidas inclusive, ocorrem, como a do policial que persegue José Ruiz, fiel subordinado de Herberto Couceiro e que por ele é morto dentro de um banheiro; a de Eládio Gaspar, inspetor de polícia responsável pelo inquérito da morte do Dr. Couceiro, misteriosamente assassinado quando Herberto o confronta e aquele quase revela o que conseguira descobrir; e a de Francis, cidadão inglês, de mãe portuguesa, que trabalha como espão duplo para a Inglaterra e a Alemanha, silenciado nas ruas de São Petesburgo, deixando, assim, de acordo com o narrador, “páginas de História em branco” (Brito 2000: 304). Ou seja, no lugar de termos a esperada “história do crime e a história do inquérito” (Todorov 1979: 96), temos a história de atuações de personagens com diferentes performances na trama. Umas agem como espões, e, por conta desta atuação, são eliminados, como ocorre com Francis, executado com ares de queima de arquivo; outras preferem se distanciar das querelas políticas, já esgotadas dos esquemas comprometidos dos homens do poder político. Assim,

neste contexto de início do século XX, o senso de justiça praticamente inexistente, tanto na Europa quanto em Portugal, posto que prevalece um cenário de incertezas, de crimes não resolvidos, de insegurança e, também, de expectativas quanto ao futuro.

Destarte, os detetives e os policiais ficam a dever nas suas atuações, cabendo ao narrador o papel de investigar e trazer à tona, se não uma solução, uma resposta possível para as interrogações do leitor:

O que se passara realmente dentro da cabina do comboio naquela fatídica viagem? Nunca ninguém o soube nessa altura, porque o autor da proeza não deixou rasto. Dentro da pasta de documentos que o passageiro transportava, além das preocupações para estabelecer os contratos prévios com o grupo financiador estrangeiro, havia dois relatórios confidenciais sobre a prospecção e exploração mineira em África, muito completos, ao ponto de incluir toda a informação compilada desde o início da década pelo explorador Kaspar Stauch, um rei dos diamantes da Namíbia. (...) Quem o matou, dizia-se, viajou no mesmo comboio entre a fronteira e a estação imediatamente seguinte ao momento do crime. Apanhado por Couceiro em flagrante, dentro da cabina a remexer a pasta dos documentos, o velho senhor tentou intimidá-lo com o revólver que sempre o acompanhava. Travou-se uma breve luta, sublinhada por dois disparos, um dos quais atingiu o assaltante à queima-roupa numa perna, provocando-lhe ferimento sem gravidade maior. Como resposta intencional e até desesperada, o antagonista apunhalou a vítima numa zona vital, prostrou-o, arremessando em seguida o cadáver pela janela, talvez com a intenção de se resguardar de qualquer alarme até à próxima paragem. A particularidade omitida pelo polícia a Gaspar, foi que a porta não estava de facto entreaberta quando ele se dirigiu à cabina mas sim fechada, pelo que ele se utilizou de gazuza para lá entrar, tal como o assassino. Quem o incumbira da missão? Era impossível sabê-lo. Na altura, os mais interessados no conteúdo daquela pasta seriam quatro ou cinco potentados que disputavam tal tipo de negócios chorudos. Se a Polícia fosse eficiente, a identidade do atirador que eliminou Gaspar e foi de seguida abatido por Ruiz, quando do recontro no Lumiar, conduziria aos responsáveis pela morte no *Sud*. Seria a pista a seguir! (Brito 2000: 226-227)

Ora, o caminho sugerido pelo narrador não é levado a cabo pelo protagonista, porque este recebe outras incumbências que o afastam do seu objetivo. Uma delas é vigiar de perto os passos do seu amigo de infância Francis Luna, espião duplo da Inglaterra e da Alemanha, que também se utiliza do trem *Sud Express* para entrar e sair de Portugal, passando por Madri, Paris e Berlim. O que se presencia, a partir de então, é um embate

entre as duas personagens, ainda que, física ou frontalmente, eles não tenham se confrontado. Daí que, na minha perspectiva, este romance de Rui de Brito ganhe tonalidades muito mais próximas do chamado “romance de espionagem”, porque suas principais personagens se posicionam em pólos ideológicos diferentes e antagônicos, contribuindo para aquela “tendência maniqueísta” (Paes 1990: 23) entre o Bem e o Mal, sublinhada por José Paulo Paes (1990).

Tal disposição antitética fica muito visível na caracterização de ambas personagens ao longo da trama. De um lado, Francis Luna, homem sem qualquer sentimento de escrúpulo “em ganhar dinheiro com negócios ilícitos porque, cepticamente, nutria a maior indiferença pelos princípios, pela honra, ou pela fidelidade” (Brito 2000: 99), frívolo, capaz inclusive de tentar violar Cristina, a pretendente de Couceiro, indivíduo sem qualquer sentimento nacionalista de ligação com a terra de origem. E de outro, Herberto Couceiro, figura sensível, “exemplo do espírito impenetrável ao progresso da verdade científica que libertaria o homem das suas crenças obscurantistas, levando-o à única crença em si próprio, no avanço para uma civilização cada vez mais perfeita” (Brito 2000: 279), homem que acredita na educação e nas promessas de investimento da jovem República portuguesa, ainda que sobre esta mantenha uma relação reticente, mas, que, com o andar dos acontecimentos, vai gradativamente perdendo as suas esperanças naquela “matéria-prima de todas as pátrias” (Brito 2000: 280). Evidencia-se, portanto, um jogo de forças antagônicas que, gradativamente, vai ganhando mais expansão, conforme os planos de um vão sendo descobertos e, finalmente, revelados pelo outro.

No entanto, novamente, a sensação de um contexto que premia a impunidade, depois da prisão de Francis, descrita numa cena cinematográfica com lances épicos e dignos das mais requintadas produções de 007, acaba por decretar o desencanto de Herberto e a decepção amarga de José Barradas, declarado defensor da República e da entrada de Portugal na Guerra. O duplo espião, favorecido pelas manobras políticas que interpretaram toda a ação como ilegal e valendo-se de sua condição de cidadão britânico, termina nas ruas, livre, sem qualquer tipo de punição, deixando no ar a sensação de que o jovem Portugal republicano constitui um país desconcertado, sob a marca indelével de um “cinismo do

sistema, o qual, no seu legalismo, se revelava reaccionário e onipotente” (Brito 2000: 270).

Assim, neste jogo de perseguições e expectativas, entre forças ideológicas em franco e aberto confronto, o *Sud Express* vai ganhando outros sentidos no desenrolar da trama narrativa. A princípio, é certo que a expressão remete o leitor ao transporte ferroviário que demarcou a velocidade das novas tecnologias emergentes e tornou-se o grande símbolo da modernidade no nascer do século XX:

Quando passou ao quilómetro que o separava da cancela, apitou duas vezes, a espaço. A enorme máquina parecia agora um monstro negro a resfolegar vapor e fagulhas pelas ventas. Atroando os ares da manhã que despontara tranquila, o *Sud Express* desfilou vertiginosamente pela passagem de nível com o fragor ritmado de uma grande forja, no esplendor das suas sete carruagens. Formaram-se rodopios de vento que levantaram folhas e areias em toda a volta (Brito 2000: 20-21).

Mas *Sud Express* também será o nome da operação de espionagem que instigará a troca de informações, através dos seus agentes, para os principais espaços urbanos da Europa neste cenário de Guerra. Assim, pelos caminhos de ferro do trem expresso, os trilhos da história de Portugal cruzam-se com os da Europa. São os interesses das potências europeias que encontram terreno favorável no da nova República, e esta, por sua vez, precisa salvaguardar as suas vantagens dentro deste contexto europeu das primeiras décadas novecentistas. Deste modo, Paris, Madri, Lisboa e a região de Flandres passam por uma linha de costura que começa com o trem expresso e se consolida com os interesses políticos confluentes, como um dos diálogos entre Eric Wilson, chefe do serviço inglês de espionagem, e o seu adjunto revela:

- (...) Em Portugal, o problema não é conseguir informações porque a tarefa está grandemente facilitada. Não só os portugueses são naturalmente informadores entre si como o país se encontra sob grande agitação. Eles estão muito interessados em espiar-se uns aos outros. A Primeira Repartição das Informações Militares é embrionária e vocacionada apenas para África. (...) Naquele país nunca se percebe bem como é. Há interesses a mais e um constante hábito de fazer jogos para todos os fins!
- Por que não se chamou a esta operação “Play Games” em vez de “Sud Express”?

– Pela simples razão de que o nosso homem vai entrar e sair de Lisboa no *Sud Express*, tantas vezes quantas necessárias. Já a baptizámos, embora a sua sugestão seja interessante mas irónica! (Brito 2000: 38-39).

Interessante observar a maneira irônica com que a personagem inglesa procura interpretar a presença lusa no cenário do novo século. Na sua concepção, como também várias vezes aparece no romance, o papel de Portugal ficou reduzido a uma atuação de personagem coadjuvante, sem qualquer tipo de importância dentro das decisões mais diretas dos caminhos políticos do continente. E se existe uma co-participação do espaço urbano lisboeta com as principais capitais europeias, ela se dá pelos caminhos de ferro que cruzam o país e o ligam aos outros pontos relevantes neste cenário. Aliás, sempre pontuado pela personagem Dr. Caldas, nos campos da cultura, das artes, das ciências e da política, Portugal ainda se encontrava “[...] a terminar o século passado pela mão da reacionária academia francesa!” (Brito 2000: 138).

Outro aspecto importante na construção romanesca reside numa disposição antagônica generalizada de pólos político-ideológicos opostos, ocupando os diferentes cenários da trama e interligando-os através desta aliança antitética. No cenário europeu da Primeira Guerra, por exemplo, os oponentes aparecem de maneira muito nítida, ou seja, de um lado a Inglaterra e a França, e de outro a Alemanha, ávida por conquistar mais territórios, incluindo aí, os africanos sob a gestão do colonialismo lusófono.<sup>2</sup> Também dentro do contexto nacional português, várias idéias conflitantes são postas em destaque. De um lado, personagens que olham utopicamente para um futuro melhor, como o mestre maçom José Barradas, e que não conseguem pensar o futuro de Portugal fora da guerra e dos meandros de uma política de defesa dos interesses nacionais; ou, ainda, personagens que apostam num presente mais promissor, como Cristina, ícone dos novos ventos libertários em defesa dos direitos femininos, também ela espiã que espreita cuidadosamente os passos de Francis, e que defende uma participação mais efetiva das mulheres na vida cultural, política, econômica e social do país, mesmo diante da constatação do atraso de Portugal (“– [...] No meu país, se uma mulher fumar em público já é um escândalo!”; Brito 2000: 163). Por fim, de outro lado, Herberto Couceiro, companheiro de

Cristina, desponta como uma personagem menos utópica, que defende a neutralidade do país na Guerra, ainda guardando certos resquícios, típicos de uma geração que vê com desconfiança os rumos que a política portuguesa começa a traçar. Ainda que muito mais simpático à monarquia, Couceiro tem consciência de que os rumos da história portuguesa encontram-se numa direção diversa da sua, mas, nem por isso, deixa de sonhar com uma condição mais justa para o país.

Ora, aqui, cabe-me destacar uma nova surpresa percebida na leitura de *Sud Express*. Se, como afirmei anteriormente, o romance de Rui de Brito frustra salutarmente as expectativas do leitor que procura nele vestígios de um romance policial, também com relação ao romance de espionagem não deixa o seu autor de convocar certos traços característicos deste e promover um afastamento subversor do modelo convocado. Ao contrário dos romances de espionagem, no estilo fixado por Ian Fleming, por exemplo, nos idos anos de 1950, e consolidado pelas películas hollywoodianas, em que o protagonista James Bond vence as adversidades e conquista um número *ad infinitum* de *bond girls*, em *Sud Express* não há espaço para finais felizes. O *happy end* esperado desmorona-se diante da morte de Cristina no *front* de guerra, nas terras de Flandres; diante da deposição do Presidente Bernardino Machado e o golpe de Sidónio Pais; diante dos desencantos de personagens que ainda sonhavam com rumos mais felizes para a recém-proclamada república, como José Barradas e o próprio Henrique Couceiro; e diante dos subsequentes exílios daqueles que, depostos dos seus cargos e cansados das manipulações políticas, abandonam o território português. Além disto, as típicas tramas de espionagem costumam expor novidades tecnológicas cada vez mais acirradas e em defesa dos espões que lutam a serviço de um mundo mais pacífico e menos intransigente e intolerante. Neste sentido, Rui de Brito prefere creditar os futuros caminhos da nação nas mãos de sociedades maçônicas e de personagens mais propensos à bruxaria e a visões mediúnicas, meios aliás pouco comuns e nada ortodoxos dentro do gênero.

Na verdade, no lugar de pensar *Sud Express* como um romance histórico que recupera as décadas iniciais do século XX e os trâmites tortuosos da Primeira República, além do conflito que tomou conta das principais forças bélicas e políticas da Europa, gosto

de pensar este texto de Rui de Brito como um romance sobre a história portuguesa que não consegue desvencilhar o seu contexto das cenas epocais desta “Era de Catástrofes” (Hobsbawm 1995: 16), na expressão de Eric Hobsbawm (1995). Não se pode negar que, para além das muitas inferências que a obra em estudo faz da Primeira Grande Guerra e das cidades que fomentaram os caminhos políticos da espionagem e da contra-espionagem (as desconfianças dos serviços de inteligência da França e da Inglaterra, a utilização dos submarinos como principal arma dos alemães nas águas do Atlântico), também se encontram nas páginas de sua efabulação os conflitos ideológicos entre os diferentes blocos da República, o afundamento do paquete *Lusitânia*, a Revolução Constitucional de 14 de maio de 1915, a entrada de Portugal na Primeira Guerra, em defesa do seu domínio territorial na África e de sua presença na Assembléia das Nações, e a aparição Salazar, como uma personagem sorrateira e covarde que, num embate em Coimbra, “[...] habilmente, ao entrar na roda de caceteiros aos gritos, se escapuliu ao enfrentamento, deslizando com grande desfatez, cozido às paredes até à saída, no meio dos primeiros gritos de viva a República” (Brito 2000: 211). Toda esta confluência comparece de maneira veloz e bem costurada, parecendo, assim, acompanhar a mesma rapidez com que as modificações mecânicas e instrumentais passaram a ocupar os mecanismos modernos. Neste sentido, o projeto de escrita de Rui de Brito fundamenta-se numa bem sucedida construção textual, aliada a uma crítica ácida a este Portugal, considerado um país em passos lentos, ao contrário dos seus vizinhos mais desenvolvidos.

E se não há um *happy end* para as personagens, também não há para os contextos europeu e português, já que um precisa se recuperar de suas próprias ruínas e outro precisa apostar num futuro incerto e imprevisível. Talvez, por isso, a única saída seja a de o narrador pensar a reconstrução dos rumos da história na velocidade da mudança dos tempos, afinal, ele próprio irá concluir: “O caminho-de-ferro mudara o mundo. (...) O salto da velocidade lançara o mundo numa convulsão. Tudo estava em profunda mudança” (Brito 2000: 69). Talvez, por isso, esta história só possa ser contada por diferentes matrizes que a sua mão procura alivianhar. Daí que os muitos recortes de jornais da época, as notícias esparsas recuperadas, as páginas de diários, relatórios e memórias integralmente citadas e

as cartas trocadas entre as personagens constituam partes importantes para se recuperar e repensar uma época decisiva para a consolidação de Portugal enquanto nação europeia no início do século XX. Assim sendo, *Sud Express* é o trem que vai interligando espaços urbanos europeus, é o plano de espionagem que coloca Francis num papel atuante entre dois lados antagônicos e é, por fim, o romance que também se vai construindo pelas diferentes perspectivas e escritas daquele tempo, sob o olhar arguto de um narrador que não parece perder nada vista ou considerar a menor informação como mero dado ou algo sem relevância.

Em sintonia, portanto, com os principais traços pós-modernos perceptíveis na ficção portuguesa atual, *Sud Express* encontra elos incontornáveis. Um deles é o narrador que, a exemplo daquele narrador pós-moderno, sublinhado por Silviano Santiago, transmite uma possibilidade de conhecimento da Europa e de Portugal do início do século XX decorrente da atenta “observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência” (Santiago 1989: 40). Consciente de que só poderia narrar a aventura das décadas iniciais desta “Era de catástrofes” (Hobsbawm 1995: 16), o narrador de *Sud Express* não apenas conta, mas investiga e interroga, numa tentativa de vencer um contexto de incomunicabilidades e decepções, imposto pelo próprio cenário de Guerra e de conflitos ideológicos pouco tolerantes:

Que aconteceu, entretanto, a bordo da frágil traineira que Herberto pilotava? Quando estavam já próximos da *Senhora da Agonia*, resolveu também navegar sem luzes. Aquilo lembrava-lhe S. Tomé e aquelas pescarias nocturnas feitas à luz do candeio! Barradas, impassível mas gelado, percebeu que ele se orientava bem na pegada do outro. (...) Herberto começou a olhar à sua volta, abstraindo-se da conversa. O entusiasmo de Barradas, Francis a ferros, mais a situação que se vivia em Portugal tinha algo de comum que não se poderia menosprezar. Estava quase seguro de que Barradas iria confrontar-se com uma das maiores desilusões da sua vida, porque certamente aqueles que suportavam Francis arranjariam uma forma de o fazer escapulir daquela situação embaraçosa (Brito 2000: 267-268).

Toda a postura deste narrador, que procura acompanhar os trâmites das viagens das personagens, aproxima-se muita daquela atitude pós-moderna de quem está mais

interessado “pelo *outro* (e não por si) e se afirma pelo *olhar* que lança ao seu redor, acompanhando seres, fatos e incidentes (e não por um olhar introspectivo que cata experiências vividas no passado)” (Santiago 1989: 43). Por isso, a necessidade de recorrer à fala de outros, de interpostas pessoas, seja pelos depoimentos em cartas ou diários, seja em notícias vinculadas em jornais ou em relatórios, como um repórter atento a tudo que acontece ao seu redor. Não quer isto dizer, no entanto, que procure assumir uma condição inquestionável de detentor da palavra final, ou de investigador introspectivo que busca aleatoriamente experiências pretéritas num fluxo psicologizante contínuo. Antes, manifesta uma consciência plena de que “nenhuma escrita é inocente” (Santiago 1989: 43), por isso, todos estes recursos não deixam também de passar pelo seu interesse nas alteridades em curso, resvalando, em muitos momentos, num perscrutar dos pensamentos alheios, deixando-os vir à tona, não para dar vazão a um fluxo de consciência desestruturador, mas para fazer com que também esta espécie de fala alheia venha complementar o trabalho de repórter deste narrador que nada deixa escapar. Daí, a sua conclusão, acompanhando a linha de raciocínio do protagonista:

Viver era uma viagem dentro de outra viagem. Tal como no navio. Pessoas muito diferentes, em culturas e sensibilidades irmanadas pelo mesmo destino entre dois portos. A vida e a morte de um pequeno movimento no universo permanentemente vivo. Tempos dentro do tempo. O seu tempo, agora (Brito 2000: 67).

Nada mais coerente, portanto, para a composição deste narrador do que a percepção de que, em tempos pós-modernos, “o que conta para o olhar é o movimento” (Santiago 1989: 50). Movimento de personagens ambientados num cenário de plena ebulição político-ideológica; movimento de indivíduos com interesses conflitantes pelos trilhos dos caminhos de ferro; movimento de idéias em torno de um pensamento republicano recém-instaurado; movimento de escritas entre diferentes meios de divulgação; enfim, movimento de pensamentos entre personagens e narrador que ora se combinam, ora se contradizem.

Por isso, acredito ser sugestivo o ato de encerrar a trama também pelo movimento do trem expresso, agora, não no sentido de entrada, mas de saída de Portugal. No entanto,

não me parece que o narrador esteja sugerindo uma desistência tácita dos sentimentos de pertença em relação ao país. Gosto de pensar que, na efabulação de *Sud Express*, todos estes movimentos não deixam de promover um encontro consciente e crítico de que, se a ninguém é “dado escolher o tempo em que irá nascer” (Brito 2000: 328), também é possível validar que a “História requer imaginação para ser bem compreendida” (Brito 2000: 310).

Tal é, portanto, a maneira encontrada por Rui de Brito para compreender, já nas portas do século XXI, que os rumos tomados pela história de Portugal e da Europa no início do século XX não podem ser lidos separadamente. Neste sentido, se existe, no corpo do romance, uma crítica aberta ao conservadorismo ortodoxo da sociedade portuguesa da época em comparação aos fatos ocorridos no restante das outras metrópoles europeias, não posso deixar de me interrogar se, nesta leitura conjunta de contextos epocais, o papel de Portugal terá sido realmente pequeno a ponto de sua ovelha República não ser considerada ao lado do cenário da Primeira Guerra. Daí, o meu gesto intencional de iniciar esta intervenção pelo depoimento de um dos principais pensadores do “breve século XX” (Hobsbawm 1995: 13), afinal, Rui de Brito, em *Sud Express*, parece realmente creditar que somos todos atores, observadores e opinadores de nossa época. Portugueses, europeus, enfim, cidadãos do mundo, como afirma sabiamente Eric Hobsbawm, “somos todos parte deste século. Ele é parte de nós” (Hobsbawm 1995: 13).

## Bibliografia

Brito, Rui de (2000), *Sud Express*, Lisboa, Edições Europa-América.

Freudenthal, Aída Maria (2001), “Angola”, in A. H. de Oliveira Marques (coord.) (2001) *Nova história da expansão portuguesa: o império africano 1890-1930*, Lisboa, Editorial Estampa, vol. IX, 259-467.

Hobsbawm, Eric (1995), *Era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991*. Trad.: Marcos Santarrita, São Paulo, Companhia das Letras.

Kothe, Flávio (1994), *A narrativa trivial*, Brasília, Editora da UnB.

Paes, José Paulo (1990), *A aventura literária. Ensaios sobre ficção e ficções*, São Paulo, Companhia das Letras.

Santiago, Silviano (1989), *Nas malhas da letra*, São Paulo, Companhia das Letras.

Tadié, Jean-Yves (1982), *Le roman d'aventures*, Paris, PUF.

Todorov, Tzvetan (1979), *As estruturas narrativas*, trad.: Leyla Perrone-Moisés, São Paulo, Perspectiva.

**Jorge Vicente Valentim** é Doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Professor Associado de Literaturas de Língua Portuguesa (Sub-áreas: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit/UFSCar) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP/Araraquara. Em 2013, realizou estágio de Pós-Doutorado Sênior, com bolsa CAPES, na Universidade do Porto, sob a supervisão da Profa. Doutora Isabel Pires de Lima. Este trabalho resulta de pesquisa realizada com o apoio da FAPESP.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Originalmente publicado em *Poétique de la prose* (1971), o referido ensaio aparece na edição brasileira de 1979, *As estruturas narrativas*. As citações feitas partem desta referência.

<sup>2</sup> Aida Faria Freudenthal (2001) sublinha, no seu capítulo sobre a situação histórica de Angola, no início do século XX, que esta idéia tinha fundamentos. Segundo a investigadora portuguesa, anos após o Ultimato e pouco antes da I Guerra, havia um “plano secreto de partilha das colónias portuguesas entre a Inglaterra e a Alemanha. (...) Embora alguns alemães tenham sido presos em Luanda, só em 1916 é que Portugal entraria na guerra contra a Alemanha, com o objetivo, entre outros, de garantir alianças na defesa das suas possessões coloniais” (2001, p. 265).